

TÍTULO: ENTRE LITERATURA, CULTURA E TERRITÓRIO: SABERES COMPARTILHADOS

Autores: Cleide Pereira Dos Santos Porcino[1]

William de Jesus Vieira[2]

Co-Autores: Débora da Silva Chaves Gonçalves [3]

Círculo de Saber 03: Conhecimento, saberes e práticas educativas nos movimentos sociais e comunidades tradicionais

Resumo: Este trabalho propõe refletir sobre formas de incluir arte, literatura e cultura tradicional das comunidades rurais no processo de ensino-aprendizagem, dentro da Educação do Campo. A partir de uma abordagem que combinou pesquisa bibliográfica, conversas com moradoras das comunidades de Chapadinha e do Assentamento Dom Mathias — situadas entre os biomas da Mata Atlântica e da Caatinga — e diálogos com professoras da rede pública, buscamos valorizar os saberes populares e as práticas culturais como caminhos pedagógicos. Essas entrevistas revelaram saberes ancestrais, como rezas de cura e o artesanato com palha de licuri, mostrando a riqueza que passa de geração em geração. O estudo também analisou uma obra literária trabalhada em sala, conectando arte, leitura e identidade. A base teórica inclui Paulo Freire, Miguel Arroyo, Ana Mae Barbosa, Roseli Caldart e Vera Candau — autores que defendem práticas educativas dialógicas, ligadas ao território e voltadas à emancipação. O trabalho reforça a importância de um currículo que respeite a vivência do campo e propõe ações pedagógicas que reconhecem os saberes locais como potências transformadoras.
Palavras-chave: Educação do Campo; Literatura; Artesanato Tradicional.

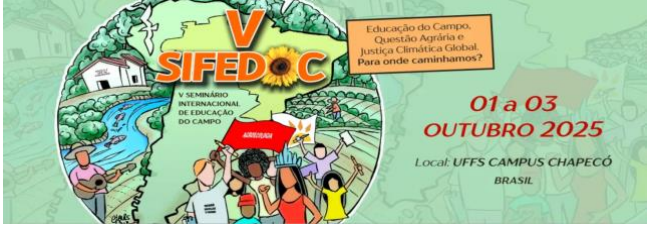
Introdução

A Educação do Campo carrega em seu cerne o desafio de construir práticas pedagógicas que dialoguem com os saberes, expressões artísticas e culturais das comunidades rurais. Este trabalho propõe refletir sobre como a arte, a literatura e as manifestações culturais tradicionais podem ser incorporadas ao processo de ensino-aprendizagem, reconhecendo o território como espaço de produção de conhecimento. A partir dessa perspectiva, coloca-se como problema a ausência, ainda recorrente, de abordagens educacionais que valorizem os saberes populares e culturais dos sujeitos do campo em suas especificidades.

[1] Estudante do Curso Licenciatura em Educação do Campo com Habilitação em Ciências Agrárias - UFRB - BA e-mail: pereiracleideporcino@gmail.com

[2] Estudante do Curso Licenciatura em Educação do Campo com Habilitação em Ciências Agrárias - UFRB - BA. e-mail: williamjesusvieira965@gmail.com

[3] Doutora em Estudos Literários, Professora de Linguagens – UFRB – BA e-mail: deborachavesgon@ufrb.edu.br



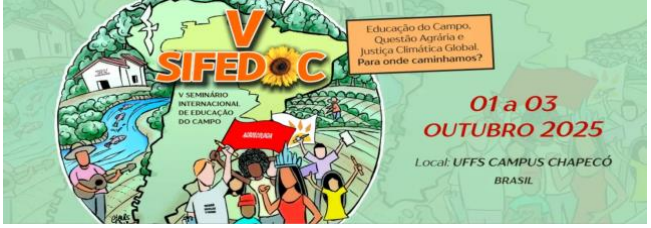
O artigo nasce das experiências vivenciadas nas aulas ministradas pela professora Débora Chaves, no componente curricular *Literatura, Arte e Cultura na Educação do Campo*, do curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Com base em pesquisa bibliográfica e metodologias qualitativas, foram realizadas entrevistas com moradoras das comunidades de Chapadinha e do Assentamento Dom Mathias, além de diálogos com professoras da rede pública atuantes nesses territórios. O objetivo é evidenciar como práticas culturais - como rezas de cura, o artesanato com palha de licuri[4] e a literatura que emerge da vivência local - podem servir como ferramentas pedagógicas potentes. A hipótese que orienta este estudo é que a integração entre cultura local e currículo escolar pode promover uma aprendizagem significativa e emancipadora, fortalecendo o vínculo entre identidade, território e educação.

A escolha metodológica se justifica pela necessidade de reconhecer vozes e experiências muitas vezes invisibilizadas pelo ensino formal. A análise das entrevistas, aliada à leitura crítica de uma obra literária trabalhada em sala, permite compreender o papel da arte e da cultura como mediadoras do conhecimento. A base teórica do trabalho inclui pensadores como Paulo Freire (2005), Miguel Arroyo (2004), Ana Mae Barbosa (ano), Roseli Caldart (ano) e Vera Candau (ano), cujas contribuições fundamentam práticas educativas dialógicas e contextualizadas, comprometidas com a valorização dos saberes locais e a transformação social.

Metodologia

O presente artigo discute as diferentes formas e possibilidades de trabalhar a arte e a cultura das comunidades que os estudantes fazem parte, juntamente com a literatura, com o intuito de facilitar o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem dentro da educação do campo. Para realizar essa discussão, utilizamos metodologias diversificadas, tais como a realização do levantamento bibliográfico de autores que defendem a importância de trabalhar metodologias que utiliza

[4] A palha de licuri é um material fibroso extraído das folhas da palmeira conhecida como licuri ou ouricuri (Syagrus coronata). Essa palha é amplamente utilizada no Nordeste brasileiro para diversas finalidades, incluindo artesanato, construção e até mesmo como alimento para animais. <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://ispn.org.br/site/wp-content/uploads/2018/10/BoasPraticasLicuri.pdf>.



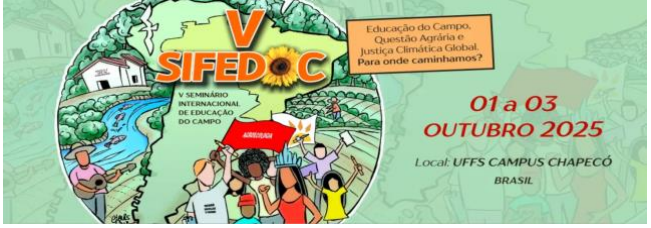
saberes/cultura local nas práticas pedagógicas, também realizamos entrevistas semiestruturadas com moradoras de duas comunidades distintas, (Chapadinha e Assentamento Dom Mathias), localizadas nos biomas da mata atlântica e a caatinga sucessivamente. Na primeira, entrevistas à pessoas da comunidade falando sobre a rezas que cura diferentes males, na segunda, falamos sobre a produção do artesanato derivado da palha do licuri, com intuito de mostrar as diferentes formas de culturas tradicionais, passada de geração para geração.

Para além dessa metodologia aplicada, entramos em contato com professoras da rede pública, do ensino fundamental, das escolas localizadas nas referidas comunidades, buscando compreender como as professoras trabalham a arte e a cultura nas salas de aula. Em seguida, optou-se por seguir a seguinte linha: foram discutidos os referenciais teóricos, relacionado ao tema, e posteriormente apresentamos as comunidades, destacando um breve relato das moradoras, falando sobre as experiências delas com arte, cultura e saberes ancestrais, dando continuidade com a análise da obra trabalhada em sala de aula, finalizando com a conclusão.

Para a construção dessa escrita, tivemos inicialmente aulas do componente optativo intitulado de Literatura, Arte e Cultura do Povo do Campo, ministrado pela professora Débora Chaves, na licenciatura de Educação do Campo com Habilitação em Ciências Agrárias. Durante as aulas, a professora trabalhou o componente com foco em construções de planos de aula de literatura envolvendo a arte e a cultura tradicional e datas comemorativas, usando desenho e dobradura como ferramenta principal do plano de aula, estudamos autores com João Ubaldo Ribeiro e seu livro “Viva o povo brasileiro’’(1984), tivemos aula que girou em torno do vídeo de Ana Mae Barbosa, A Importância do Ensino da Arte nas Escolas.

LITERATURA, ARTE E CULTURA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

A inserção da literatura como linguagem pedagógica é essencial na articulação entre tradição e conhecimento escolar e está muito além da oralidade e das práticas culturais locais. Freire (2005, p. 43) nos lembra que “a educação tem que ser libertadora para que tenha sentido”, e é por meio da leitura crítica do mundo e da



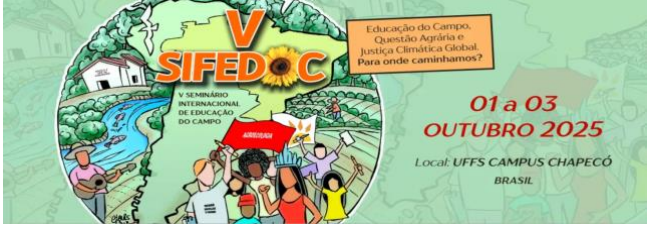
palavra que os estudantes podem construir suas próprias narrativas. A obra *Viva o Povo Brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro, por exemplo, permite trabalhar os temas da identidade, da colonização e da resistência, conectando o conteúdo literário às vivências do povo do campo e os saberes que se configuram a partir do olhar de quem esta dentro do contexto e não como um mero espectador.

A arte, por sua vez, quando compreendida como forma de conhecimento e expressão, torna-se ferramenta privilegiada para o desenvolvimento da criatividade e da criticidade. Ana Mae Barbosa (2008) propõe o “método triangular”, que compreende a leitura da imagem, a contextualização e a produção artística, como forma de abordagem da arte na escola. Para a autora, “a arte na escola precisa ser vista como forma de conhecimento, e não como passatempo ou enfeite” (BARBOSA, 2008). Essa concepção foi trabalhada nas aulas da professora Débora Chaves, com foco na construção de planos de aula que envolvem experiências locais, dobraduras, desenhos e datas comemorativas, valorizando a cultura tradicional.

A literatura é de fundamental importância para o processo de formação de professores, tendo em vista que se trata de futuros profissionais que atuarão diretamente com a Educação Básica, colaborando com o processo de letramento e contribuindo para a construção social dos estudantes. Sendo assim os/as professores/as precisam estar preparados para atuar de forma efetiva nesses processos de ensino-aprendizagem, fazendo uma relação entre a literatura, a arte e a cultura.

Quando falamos em literatura notamos a amplitude do tema, porém, nossa proposta é discutir a literatura interligada à formação humana e a realidade com a qual estão essas formações se inserem. Para reforçar essa ideia trazemos Antônio Candido (2011), em sua obra “Vários Escritos”, no capítulo O Direito à Literatura:

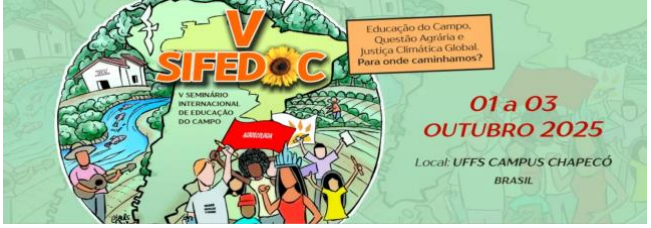
> Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. (CANDIDO, 2011, p.173.)



O autor traz a literatura interligada à consolidação do ser humano, e relação sociais que veio sendo creditada no decorrer da história. A literatura é fundamental para a formação de um profissional, mas como trabalhar com ela no processo de ensino, a fim de alcançar sua máxima eficiência em diferentes contexto e realidade? Para responder essa pergunta realizamos uma reflexão acerca do papel da arte e da cultura, no processo de ensino, tendo em vista que cada lugar tem suas próprias representações de arte e cultura, que assim como a literatura contribui para a formação humana, Roseli Salete Caldart (2023) na obra Sobre as Tarefas Educativas da Escala e a Atualidade, afirma que, “Partimos da compreensão de que arte e cultura compõem a matriz formadora do ser humano. Com a afirmação desta tarefa educativa queremos frisar o papel da escola em relação a essas dimensões que, por serem próprias da vida social, são também da formação humana” (CALDART,2023. p.191). Nessa perspectiva buscamos trazer um pouco da arte e da cultura de nossas comunidades, com o intuito de apresentar possibilidades para o desenvolvimento do ensino de literatura com a arte e a cultura, capaz de possibilitar/motivar a busca de alternativas de ferramentas metodológicas.

Dentro da licenciatura da Educação do Campo, a literatura, arte e cultura manteve como foco o saber tradicional/ancestrais e buscou interligar esses saberes ao considerar o conhecimento acadêmico. Ao trabalhar a literatura em sala de aula os professores aprofundam essa correlação entre arte e cultura, sobretudo em comunidades onde os estudantes vivem, fazendo com que eles não só tenham uma nova visão com relação ao conteúdo e a prática de ensino, mais também muda o olha para com a comunidade onde vive, e despertando o interesse para conhecer mais sobre as formas de cultura e arte desenvolvida por seus parentes e amigos que vive na comunidade, a exemplo estamos aqui tentando fazer essa relação do conteúdo acadêmico acessando na sala de aula, com o que já existe de cultura e arte nas nossas comunidades.

O curso da educação do campo, na nossa percepção tem como foco formar profissionais da área da educação, com pensamento crítico reflexivo, e que busca desenvolver/aplicar diferentes formas ou ações pedagógicas, em defesa de uma educação libertadora, defendida por Paulo Freire especialmente no livro pedagogia



do oprimido. Na obra o autor traz diversas críticas ao sistema opressor e dominante da nossa sociedade, em especial a educação bancária.

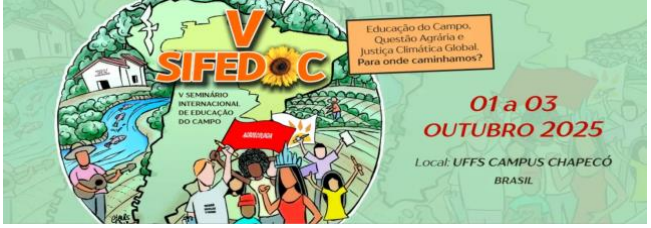
> Como educador preciso de ir "lendo" cada vez melhor a leitura do mundo que os grupos populares com quem trabalho fazem de seu contexto imediato e do maior de que o seu é parte. O que quero dizer é o seguinte: não posso de maneira alguma, nas minhas relações político pedagógicas com os grupos populares, desconsiderar seu saber de experiência feito. Sua explicação do mundo de que faz parte a compreensão de sua própria presença no mundo. E isso tudo vem explicitado ou sugerido ou escondido no que chamo "leitura do mundo" que precede sempre a "leitura da palavra". (FREIRE,1996. p.42)

Diante dos objetivos e da metodologia adotada, serão apresentadas observações específicas realizadas nas comunidades de Chapadinha e do Assentamento Dom Mathias, com vistas a compreender como os saberes tradicionais, a arte e a cultura local dialogam com práticas pedagógicas desenvolvidas na Educação do Campo. A articulação entre os conhecimentos ancestrais e o saber acadêmico contribui para a construção de estratégias educativas contextualizadas, que reconhecem a diversidade territorial e cultural dos sujeitos envolvidos. Nesse sentido, o educador é compreendido como mediador crítico, capaz de integrar as múltiplas leituras de mundo dos estudantes às abordagens curriculares. Conforme propõe Paulo Freire, a valorização dos saberes de experiência feito constitui elemento central para uma educação comprometida com a emancipação, a justiça social e a transformação das realidades vivenciadas.

Chapadinha

A comunidade da Chapadinha, localizada a cerca de 12 km de Amargosa, no Vale do Jiquiriçá (Bahia), conta com aproximadamente 150 moradores, a maioria vivendo da agricultura familiar. Cultivos como cacau, feijão, amendoim, milho, mandioca e hortaliças são realizados com esforço, sabedoria ancestral e amor à terra. Algumas pessoas trabalham na cidade, mas a agricultura permanece como principal sustento e identidade.

A comunidade preserva tradições culturais transmitidas de geração em geração, especialmente as **rezas**, práticas de sabedoria popular de origem africana. As benzedeiras, por exemplo, curam males do corpo e da alma com palavras, ervas e fé, mantendo viva a espiritualidade e o cuidado coletivo.



A existência das rezadeiras ou benzedeiras é muito antiga no Brasil, originando-se das culturas indígena e africana, desde o período da colonização, e tem grande importância na manutenção dos costumes tradicionais. Elas detêm um saber religioso transmitido oralmente, capaz de curar males e restabelecer o equilíbrio emocional e físico, passando seus conhecimentos a sucessores e contribuindo para a preservação do patrimônio cultural.

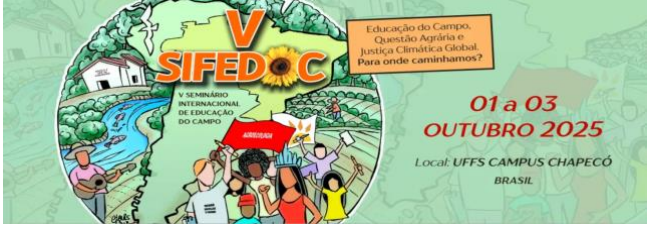
A comunidade desfruta dessa tradição por meio de senhoras que aplicam diferentes tipos de rezas, como as contra mau-olhado, inveja, dores ou fenômenos naturais. Realizei uma entrevista com uma delas, dona Roxa, que aprendeu observando a mãe, num tempo em que estudar era quase impossível para muitas meninas do campo, aprendendo oralmente como a maioria dos saberes populares. Suas palavras ainda ecoam em mim, onde ela relata em sua fala:

"*Minha filha, eu aprendi a muitos anos, vi minha mãe rezando as pessoas aí eu sempre ficava olhando, algumas eu não aprendi pois não sabia ler direito, pois meus pais não deixava irmos a escola, naquele tempo minha filha, as coisas eram difíceis, meus pais tinham muitos filhos aí alguns estudou até a terceira série, hoje em dia é que tá bom sabe minha filha, você tem tudo e vejo que quase ninguém quer aprender, fico triste sabe minha filha, às vez não é remédio de farmácia que cura, e sim uma reza minha filha*''

A fala de Dona Roxa evidencia a riqueza da nossa cultura e a importância de preservar nossos saberes. Na Chapadinha, restam apenas três rezadeiras idosas, e se os mais jovens não aprenderem, esse conhecimento se perderá, comprometendo a identidade da comunidade. É essencial valorizar essa sabedoria, incluindo-a nos currículos escolares, reconhecendo-a como parte da educação do campo. A arte e a cultura popular, como as rezas, são fundamentais para a formação humana e devem ser transmitidas com respeito e continuidade.

Fala da professora em relação à literatura, arte e cultura dentro da disciplina de Ciências.

"Na verdade é eu trabalho com a disciplina de ciências, a disciplina de Ciências ela é mais um conteúdo é mais voltado para ciências né, embora agente busca de alguma forma trabalhar a arte dentro desses conteúdos, mais assim ontem eu dialoguei um pouquinho sobre a arte foi na turma do nono ano, e como foi feito esses trabalho né, a gente trabalha dentro do currículo da escola que já tem um planejamento é eu busquei por exemplo fazer né um plano de aula que pudéssemos tá estudando é o patrimônio cultural, histórico de Amargosa e ai eu subdividir né a turma em subgrupos de até 5 alunos e esses alunos produziram algumas atividades dentro da disciplina de Artes e ai por exemplo eles visitaram né, os diferentes



pontos turísticos de Amargosa né a feira, as praças, é as casas né os patrimônios como é biblioteca, como prefeitura, como as praças, e ai eles registraram isso em forma de slides, ou pequenos vídeos e apresentaram na sala ai representando ao patrimônios históricos e cultural de Amargosa né, as riquezas que esses patrimônios eles representa né pra população então agente traz né o cotidiano do aluno né para as vivências dele, é toda essa questão da Arte e da Cultura como que isso é vivido né na própria cidade deles no local deles, que assim falar de um patrimônio histórico né da Bahia sem conhecer o patrimônio histórico local não tem graça, ai por exemplo eles foram pra Salvador pra visitar o Pelourinho, visitar alguns museus, mas anterior a ida deles que foi com a professora de Língua Portuguesa eu busquei trabalhar a Arte na sala né ai agente trabalhou os planos, é estudando os símbolos, estudando as figuras das imagens o que representa uma fotografia né toda essa questão da Arte e da Cultura no dia a dia do aluno, embora eu não sou professora nem de literatura nem sou professora de Artes mais ai né eu fiquei com essa disciplina por um período e ai eu tentei trabalhar dessa forma com os alunos né trazendo a Arte e a Cultura pra o dia a dia deles né, pra esse espaço cotidiano, espaço da feira das praças, das avenidas esses patrimônio né que é nosso, que a Cultura é nossa né, a Cultura ela deve ser preservada e ela deve ser é cuidada né pra que outras gerações possam ter acesso, para que esse patrimônio ele não venha ser destruído."

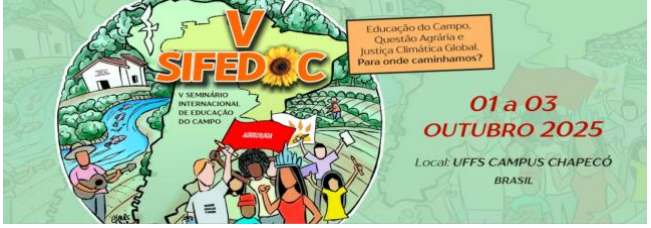
Assentamento Dom Mathias

O Assentamento Dom Mathias, localizado em Ipirá, na região da Bacia do Jacuípe (Bahia), completou 24 anos e abriga cerca de 100 famílias oriundas de diferentes comunidades. Essa diversidade favorece uma rica expressão cultural, com destaque para o **Samba de Roda Boiadeiro, Festa de Caboclo, Cantigas de Roda** e práticas religiosas, principalmente da Igreja Católica. No artesanato, sobressaem os produtos de **palha de licuri** (chapéus, bolsas, bonés, esteiras), além de peças em **crochê, cipó** e itens de **couro**.

O Assentamento Dom Matias é uma área de Reforma Agrária, que teve início no ano de 2004, no primeiro momento as famílias acampam em uma fazenda próxima a fazenda que hoje é o Assentamento, MATOS, 2022 traz que;

> O processo de acampamento durou em torno de um ano e cinco meses até a emissão de posse da fazenda. Após a permissão para a ocupação da área solicitada, mudamos para a sede da fazenda, formando uma agrovila, onde foram construídos os barracos e foi se constituindo o Assentamento Dom Mathias... (MATOS,2022. p.15).

Após um longo período no acampamento, em 2010 os lotes foram distribuídos por sorteio entre as 100 famílias. Com o tempo, houve certo distanciamento comunitário, tornando raros os encontros coletivos, como o **Samba de Roda Boiadeiro**. Além disso, o êxodo rural, sobretudo da juventude, tem contribuído para a diminuição da diversidade cultural do assentamento.



A produção artesanal, porém, permanece forte, principalmente entre os mais velhos, com destaque para os produtos feitos da **palha do licuri**, árvore endêmica da Caatinga que resiste à seca mantendo as folhas verdes. Para compreender a relação entre o artesanato e o desenvolvimento pessoal e familiar, realizamos uma entrevista com uma moradora do assentamento, cujas perguntas e respostas são apresentadas a seguir.

Entrevistada: Dona Xinha (apelido), moradora do Assentamento Dom Mathias desde o início (2004), casada, com e tem 10 filhos.[5]

- Como ou com quem a senhora aprendeu a fazer os produtos com a palha do licuri?

Aprendi fazer sozinha, primeiro começei a fazer pequenos chapéus para boneca, sai torto no início, mais com o tempo comecei acertada, teve uma tia minha que até tento me ensina uma vez, mais não deu certo não, aí eu ficava olhando minha tia fazer as trança de palha e depois tentava sozinha em casa, com o tempo comecei a fazer outras coisa, como bolsa, esteira, e o boné que eu mesmo inventei, e foi uma coisa que muitas gente nunca tinha visto.

- O artesanato ajudou a senhora a sustentar sua família?

"Ó meu filho, ajudo um pouco, por que naquele tempo, as coisa que eu fazia, vendia muito barato, mais mesmo assim ajudo, por que um dia de trabalho era muito mais barato, que hoje em dia, e o bolsa família, só conseguiu depois que o menino mais velho completou cinco anos, o bolsa família me ajudou muito, e a venda dos chapéus, bolsas e bonés, ajudou, a criar meus filhos, depois que eu vim mora no assentamento, veio o povo de salvador aqui, viro os bonés, compraram e levaram, passo no jornal e tudo, teve um dia eu tava passando no mercado de arte de Ipirá, e vir os bonés de palha lá, aí falei para as mulheres que eu fazia, aí elas encomendo pra eu fazer mais, comecei a entrega, mas aí veio a pandemia, ai depois disso não teve mais, ai só algumas pessoas do assentamento que compra, ou alguém que vem de fora pra comprar."

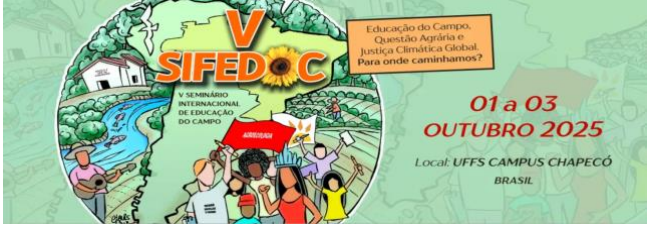
- Como é feita a retirada da palha do licuri?

"A palha que eu uso é aquela novinha que nasce no olho do licurizeiro, aqui no assentamento os pé de licuri é muito alto fica difícil de tira, tem vez que eu trago do João Velho, onde eu morava, antes de vim pro assentamento, porque lá o licuri e mais baixo, aí eu vou tirar a palha boto ela pra secar um pouco, depois eu rapo pra tira o pó e desfio, pra fazer as tirinha que vai ser usada pra fazer a trança."

- Quais os produtos que a senhora faz com a palha?

Eu faço o chapéu de palha, esse é o que mais vende, por causa do sol, aqui é muito quente, faço o boné, bolsa, esteira, e bocapiu, que o pessoal usa pra levar pra feira.

[5] A fala da entrevistada foi escrita a partir da audição realizada durante a entrevista. Devido a especificidade desse artigo, optou-se por transcrever a fala na íntegra.



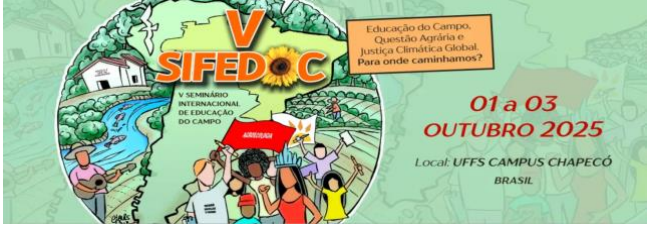
O artesanato da palha do licuri é de grande importância para Dona Xinha, que, apesar das dificuldades, continua produzindo e busca transmitir a tradição às novas gerações. Surgem, então, questionamentos: como levar esse ou outro tipo de artesanato para a sala de aula? Como os professores da comunidade trabalham literatura, arte e cultura com os estudantes? Essa pergunta foi feita a uma professora que atua no Fundamental I e na EJA, e obtivemos a seguinte resposta:

"A Secretária de educação do município lançou um projeto chamado 'Ler é uma aventura Mágica', e cada série ficou com um tipo de leitura diferente, no caso das crianças, trabalhamos o conto onde foi confeccionada uma sacola viajante, e elas teriam que está levando pra casa o livro de contos infantis e ler com a família e quando chegarem na escola recontar a história que eles levaram para casa, na sala de aula também tinha o dia do conto onde, era contada história e depois as crianças teriam que recontar através de desenhos ou às vezes fazíamos alguma arte relacionada a história, teve uma história que contei que foi da princesa e o sapo e aí em seguida fizeram um o sapinho com Eva e bexiga. Já com EJA a proposta era trabalhar poemas, fábulas, causos e aí trouxemos para a escola uma gaiola com uma frase liberte um poema, e os alunos teriam que abrir a gaiola e retirar um poema e ler. A outra pro trabalhou com os alunos o causo do espelho de Ricardo Azevedo e eu trabalhei com os meus alunos em sala de aula a sopa de pedra de Pedro Malazarte, fizemos uma peça de teatro, trabalhamos fábulas também. Fizemos uma aula passeio no rio e os alunos tiveram que colher conchinhas, para fazer uma arte, levamos como referência algumas imagens de telas e eles tiveram que confeccionar os quadrinhos, com o material que faz parte do meio em que eles vivem."

Na escola do assentamento, a educação ainda segue o modelo urbano, com conteúdo e métodos tradicionais, inclusive no ensino de literatura, arte e cultura. Entretanto, a professora entrevistada busca alternativas mais adequadas à realidade dos estudantes, especialmente na turma do EJA, aplicando literatura, arte e cultura de forma mais leve e dinâmica.

Conclusão

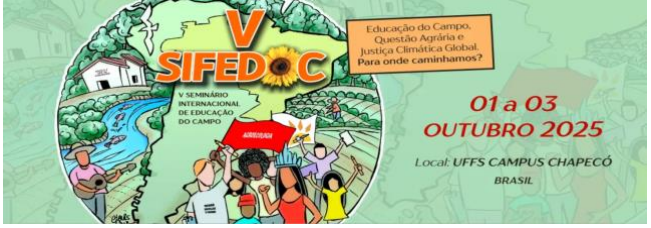
Ao realizarmos este presente trabalho do Componente Literatura, Arte e Cultura, buscamos desenvolver a importância da valorização das culturas da comunidade da Chapadinha e do Assentamento Dom Mathias, comunidades que ficam situadas em diferentes regiões sendo uma da mata atlântica e a outra do semiárido brasileiro, porém as duas trazem algo em comum que são suas culturas que perpassa de geração para geração valorizando suas raízes, seus costumes tradicionais e sua identidade quanto moradores daquele lugar.



O primeiro passo do trabalho foi identificar como os moradores aprenderam a desenvolver e a fazer esses trabalhos, quem ensinou eles, sendo que é algo dos antepassados que prioriza os conhecimentos de cada um deles seja os mais velhos que tomam a frente dessas culturas perpassando assim pra toda a família, em seguida buscamos trazer as características das duas comunidades, quais seriam suas semelhanças, o que cada uma tinha de diferentes em âmbito dos costumes históricos, e culturais, trouxemos entrevistas feitas por algumas moradoras da comunidade, uma que tem a cultura do artesanato com a palha do lícuri e a outra com as rezas que foi trazida pelos africanos logo no início da chegada ao Brasil, ambas com o mesmo intuito de valorizar a cultura dos seus.

Observamos nas pesquisa o quanto essas culturas têm de conhecimentos que devem ser consideradas de suma importância, o trabalho buscou também identificar o conceito de rezadeiras, que também podemos dizer que é uma literatura que não busca está em uma sala de aula mais é ensinado por nossos mais velhos, assim como também a arte das mulheres do Assentamento Dom Mathias que fazem vários tipos de artesanatos usando as palhas do licuri não só as mulheres como também os homens que contribuem com as criações dessas artes que encantam aos olhos de quem as usam e conhecem esse grande trabalho, lembrando que não só tem essa cultura do artesanato, tem várias outras como samba de roda, festa de caboclo, entre outras culturas que não tem limitações o quanto as diversidades que ali trabalham.

Experiências grandiosas esse trabalho está nos trazendo, pois podemos trocar conhecimentos, saberes diferentes das comunidades e olhar as forma em que cada um tem de preservar cuidar das suas culturas, de qual maneira a comunidade como todo tem participado desses eventos ou até mesmo dessas produções onde exige bastante pessoas para confeccionar esses produtos artesanais que levam um tempo para chegar em perfeito estado de uso das pessoas, diferente da comunidade da Chapadinha que a cultura das rezas particularmente tem uma pessoa que sabe e ali algum filho passa a ter interesse de aprender e passa acompanhar seus mais velhos em casas de vizinhos onde se tem alguém que esteja necessitando desses saberes ancestrais. Porém as comunidades trazem nesse trabalho situações semelhantes a outra o quanto é difícil para os mais velhos preservar esses saberes, que muitas das



vezes os mais novos não têm grandes interesses em querer participar, ou acabam deixando o campo para buscar uma melhoria de vida em cidades grandes, isso tudo contribui para pensarmos o quanto devemos valorizar nossas culturas, trazer para dentro das comunidades esses conhecimentos, para que todo se envolva de forma conjunta e colaborativa.

Compreendemos também que a arte e a literatura ambas andam juntas de mãos dadas, a literatura visual da arte ela nos permite vivenciar como foi a história através dos desenhos ou imagens, tudo é arte seja através da escrita ou do desenho ambas passam as mensagens que desejam trazer para a sociedade brasileira.

Referências bibliográficas

ARROYO, Miguel. *Ofício de mestre: imagens e autoimagens*. Petrópolis: Vozes, 2004.

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

CALDART, Roseli S. *Pedagogia do movimento sem terra*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

CALDART, Roseli. Sobre as Tarefas Educativas da Escola e a Atualidade, ed 1.São Paulo: Expressão Popular,2023.

CANDAU, Vera M. *Educação e diversidade cultural*. Petrópolis: Vozes, 2012.

CANDIDO, Antonio. Vários Escritos: O direito à literatura, ed 5. Ouro Sobre Azul. Rio de Janeiro.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 1987.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GEMES, Alessandra; SILVA, Erica; SILVA, Mônica. Entre Olhares, Escutas e Palavras: o direito à arte e à educação. UFRB. Cruz das Almas, 2020.

RIBEIRO, João Ubaldo. *Viva o povo brasileiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.